

Esta semana, num dos blogs que sigo - *Ministério dos Livros* -, li um género de desabafo...

Sendo sucinto, falava-se sobre as pessoas que não leem, mas fingem que sim, e das outras que, não lendo, não o assumem; são coisas distintas, como a autora bem refere - e distingue - e com consequências diferentes.

Não venho, contudo, dissertar sobre o artigo referido, porque nada tenho a acrescentar ao mesmo; dentro do teor da matéria apresentada. No entanto, dentro daquele teor - necessariamente - tenho de fazer referências a outras situações, das quais, aquelas referidas no artigo mencionado, são apenas expressões.

E tudo isto vem a propósito, não só da leitura do artigo - *Reflexões Livrescas* -, mas também de algumas observações pessoais que tenho vindo a fazer e, até, de algumas reações recentes a artigos meus...

Assim sendo, temos todos de tomar consciência de que as pessoas são preguiçosas; e cada vez são-no mais... E isto não é bom, mas também não é algo que façamos em consciência. Aliás, toda a nossa evolução assenta na premissa da preguiça; na procura de fazermos sempre mais com menos esforço... Por isso, a preguiça - disfarçada daquilo que lhe quiserem chamar - é-nos natural. Dito isto, é natural que tendo acesso a conteúdos mais facilmente assimiláveis para o nosso cérebro, com menos custo para nós, esses sejam os favoritos.

No outro dia, na RTP, exibiu-se o *Fronteiras XXI*, onde uma especialista explicava que assistir a vídeos é muito mais descansado para o cérebro do que ler, porque a imagem fornece tudo e o cérebro não tem de imaginar como é; algo que teria de acontecer se, em vez de se ver, tivesse de se ler. E esta é - na minha humilde opinião - a principal razão porque as novas gerações praticamente abandonaram os livros; e, também, como explico a seguir, o motivo maior para a nossa incapacidade emocional para lidar com a realidade e para a existência de um certo analfabetismo em ser-se uma pessoa...

Disse essa especialista, também, que apesar do facilitismo cerebral nos empurrar para a imagem, o processo de aprendizagem não mudou; o cérebro continua a precisar de ler para aprender.

Não sei como é convosco... Eu acho extraordinário a quantidade de tutoriais que há no *Youtube*, são todos muito úteis do ponto de vista prático, contudo, dou por mim, quando

preciso – quando sinto precisar – de uma informação mais sustentada, e estruturada, a procurar por artigos escritos; e, a maior parte das vezes, são muito difíceis de encontrar. Mas sentirão isto as novas gerações?

Como, se nunca lhes foi alimentada a experiência da leitura?!

Como poderá alguém saber se uma coisa é melhor do que outra se uma delas nunca foi experimentada?

E como é que chegámos a este ponto?

A resposta à última pergunta é: porque falhámos – a sociedade, entenda-se – no nosso papel de vigilância...

Há anos que vivemos tão assoberbados de projectos, de olhos no futuro – ou no passado – que, de certa forma, deixámos que as nossas crianças crescessem sozinhas. Tivemos consciência disso?

Não; claro que não... Afinal, andávamos ocupados a construir um mundo melhor para elas. E, quando as primeiras dessas gerações começaram a pegar naquilo que lhes deixámos, sem qualquer preparo do ponto de vista emocional, sem qualquer preocupação com as consequências das suas ações no futuro, começaram a criar uma sociedade cada vez mais perfeita para elas dentro do contexto que conheciam.

E foi assim que chegámos a este mundo atual, onde se confunde informação com conhecimento... Alimenta-se a ilusão de que o conhecimento está a um *click* de distância, sem esforço, disponível sem investimento de tempo ou dedicação, como fosse *fast-food* cerebral.

Com o passar do tempo tornamo-nos dependentes disto, daquela ilusão, e recusamo-nos a despende muito tempo com alguma coisa que possa já estar na «net»... O resultado está aí – para quem quiser ver; este mundo completamente desorientado e onde não se pode estar 100% certo das notícias que se produzem nem das informações que nos são veiculadas. Este é um mundo onde – naturalmente – iremos começar a desconfiar de tudo e de todos e onde só – talvez – uma autoridade forte, inspirada em fundamentalismos radicais, poderá manter tudo unido...

E terá sido para isto que criámos todos estes projectos em direcção a um futuro melhor?

Não; claro que não... Mas, quando a humanidade começou a tornar-se demasiado preguiçosa, abdicou de se instruir a si própria - de pensar pela própria cabeça - e passou a preferir consumir aquilo que os outros diziam ou mostravam sobre isto ou aquilo; e de repente perderam a capacidade para se concentrarem - porque há muitos estímulos, pois a cada segundo produzem-se milhares de informações -, para raciocinarem, para deduzirem e para interpretarem.

Assim é cada vez mais normal que as pessoas não saibam ler, de facto, não consigam interpretar o que se pretendia dizer ou escrever, que extrapolem conclusões erradas - tendo, evidentemente, por base, os seus próprios interesses - e que assumam posição falsas, se acharem que elas lhe trazem influência; e porquê?

Porque sabem que a maioria das pessoas não vai «perder» tempo em verificar se é real o conhecimento do que falam...

Como disse a autora de *Reflexões Livrescas*: as pessoas que fingem ter lido, ou não assumem não ler, partem do pressuposto de que os outros são como eles. E, infelizmente, têm razão.

Ainda vamos a tempo de parar isto. Apesar dos movimentos de índole fascista, fundamentalista e radical estarem a proliferar pelo mundo, numa evidente consequência da estupidificação da humanidade, poderemos parar isto.

Antes de mais, para não continuarmos a falhar, precisamos mudar o discurso. Este discurso das novas gerações repete-se deste que tenho memória, mas está errado, porque leva-nos a empurrar este problema para o futuro, como se o problema fosse com as gerações que estamos, agora, a educar, mas não é; pelo menos, não é só... O problema já existe e está nas novas gerações de há muitos anos atrás; que são aquelas que agora estão a «mandar».

Depois, não poderemos lutar contra a maré e teremos de a aproveitar... Não poderemos parar o avanço tecnológico - é um tsunami de proporções bíblicas -, nem os hábitos que traz e que estão instalados; teremos é de saber aproveitar isso para empoderar o saber, para transmitir verdadeiro saber, para ensinar o prazer de pensar e de chegar a conclusões pela nossa própria cabeça e educar as futuras gerações para o processo dedutivo.

Como?

Não sei... Eu sou só um escritor, preocupado...

Imagem de [Andy Faeth](#) por [Pixabay](#)